

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE ARTES VISUAIS

ANA CECÍLIA NUNES

O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA INFÂNCIA:
REGISTROS E EXPERIÊNCIAS NA SALA DE AULA

Uberlândia

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE ARTES VISUAIS

ANA CECÍLIA NUNES

O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA INFÂNCIA:
REGISTROS E EXPERIÊNCIAS NA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Maira de
Melo

Uberlândia

2023

ANA CECÍLIA NUNES

O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA INFÂNCIA:
REGISTROS E EXPERIÊNCIAS NA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Maira de
Melo

Uberlândia, de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Roberta Maira de Melo

Prof.^a Dr.^a Tamiris Vaz

Prof.^a Dr.^a Elsieni Coelho da Silva

DEDICATÓRIA

Aos meus alunos, parceiros nessa jornada; que a arte seja sempre inspiração.

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora Roberta Melo, pela orientação empática e valiosa.

Às amigas Isabela Filgueira e Myllena Barreto, pelo carinho, apoio e motivação.

Aos meus pais, professores e amigos, em gratidão por todas as contribuições ao longo da minha trajetória.

EPÍGRAFE

"Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas".

Rubem Alves

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo de investigação o ensino de arte na infância considerando os aspectos subjetivos das crianças, a fim de possibilitar o desenvolvimento da criatividade e autonomia infantil. À luz da produção teórica das arte-educadoras Veia Vecchi e Anna Marie Holm, coloco em análise e reflexão a minha prática docente realizada em uma escola municipal, com crianças que compõem as primeiras séries da Educação Infantil. Procuro refletir sobre a experiência pedagógica integrando teoria e prática. Considerando justamente o despertar da sensibilidade de cada um no processo de aprendizagem - tanto do aluno quanto do educador -, e como tal experimentação pode permitir que a criança construa a sua própria percepção e simbolização da realidade, pretendo assumir e incorporar as experiências subjetivas, bem como os desafios e obstáculos encontrados - sejam eles de ordem institucional ou pessoal -, em um processo que permita ampliar as possibilidades de se conceber a formação docente, sempre contínua.

Palavras-chave: Artes Visuais, Educação Infantil, formação, prática docente.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the teaching of art in childhood considering the subjective aspects of children, in order to enable the development of creativity and child autonomy. The teaching practice conducted in a municipal school with children in the early years of elementary education, is analyzed and reflected upon in light of the theoretical contributions of art educators Veia Vecchi and Anna Marie Holm. The pedagogical experience is reflected upon, integrating theory and practice. By considering the awakening of sensitivity in each individual in the learning process – both of the student and the educator – and how such experimentation can allow the child to construct their own perception and symbolization of reality, the study aims at assuming and incorporating subjective experiences. Furthermore, the challenges and obstacles encountered are taken into account, whether they are institutional or personal in nature. This approach expands the possibilities of conceiving teacher education as an ongoing journey.

Keywords: Visual Arts; Early Childhood Education; Teacher Education; Teaching Practice.

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS 1 E 2 - Fotos do livro Pensar e fazer arte.....	14/15
FIGURA 3 - Desenho do aluno M.	19
FIGURA 4 - Experiências práticas.....	20
FIGURA 5 E 6 - Desenhos dos alunos D. e A.	21
FIGURA 7 E 8 - Desenhos dos alunos.....	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CONSTRUINDO ESPAÇOS SENSÍVEIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O DESAFIO DA PRÁTICA ESCOLAR.....	14
2. ARTE E EXPRESSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS PROPOSTAS EM SALA DE AULA.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXO I - Plano de aula.....	29

INTRODUÇÃO

A educação tem se reafirmado nos últimos anos como um dos pilares da democracia, pois na sociedade do conhecimento informatizado a escolarização tem papel fundamental para a construção de um sujeito. O processo de escolarização vivenciado pelo aluno é um passo importante para o surgimento do agente social que é impulsionado pelo aprendizado (Rego, 2002).

A escola desempenha um papel importante na transmissão e operacionalização do conhecimento humano, representando visões culturais, regionais e universais. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais são documentos que contribuem para a padronização e qualidade do ensino no país. Entre eles, destaca-se o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), que orienta o trabalho pedagógico em creches e pré-escolas, abrangendo diversas áreas de conhecimento, incluindo as Artes Visuais.

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, vol. 3, p.85)

No entanto, o ensino da arte no espaço escolar, especialmente no Ensino Fundamental, é associado em grande parte a atividades práticas, enquanto as atividades mais teóricas dessa área são colocadas em segundo plano. Essa separação entre o pensar e o fazer, segundo Silva (2015), promoveu demandas de novas formas de educação na contemporaneidade, para contemplar o ensino de forma mais integrada e diversificada. Uma vez que a educação brasileira é muito extensa, é através de pequenas ações que estão produzindo bons resultados em alguns lugares que pensamos formas mais acolhedoras de ensino. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar o ensino de arte na infância levando em consideração os aspectos subjetivos das crianças. Utilizo as contribuições teóricas das arte-educadoras Veia Vecchi e Anna Marie Holm, juntamente com uma abordagem baseada na observação e reflexão, para compreender e interpretar as experiências vividas no contexto da Educação Infantil. Nos próximos capítulos, pretendo refletir sobre a importância da sensibilidade e da experimentação no

processo de aprendizagem, bem como os desafios e obstáculos que encontrei na prática; visando ampliar as possibilidades de conceber a formação docente como um processo contínuo. Na busca por compreender, interpretar e significar as minhas práticas pedagógicas, é essencial puxar os fios da memória e resgatar os atravessamentos sensíveis que desempenham um papel fundamental na construção dos percursos que compõem as existências-docentes, conforme as palavras de Luciana Ostetto (2021).

[...] “Difícilmente poderemos pretender interferir na formação dos outros, sem antes termos procurado compreender o nosso próprio processo de formação”, por isso é fundamental criar espaços para que professores, e pesquisadores em formação, possam caminhar para si, exercitando a tarefa primordial: conhecer-se. (OSTETTO, 2021, p. 31).

1. CONSTRUINDO ESPAÇOS SENSÍVEIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O DESAFIO DA PRÁTICA ESCOLAR

Eu acredito que muitas das experiências das crianças seriam muito melhores se os professores, em vez de gastarem tanta energia vigiando-as, procurassem, eles mesmos, testar as cores e usufruir o prazer advindo da experiência. (HOLM, 2005, p. 10).

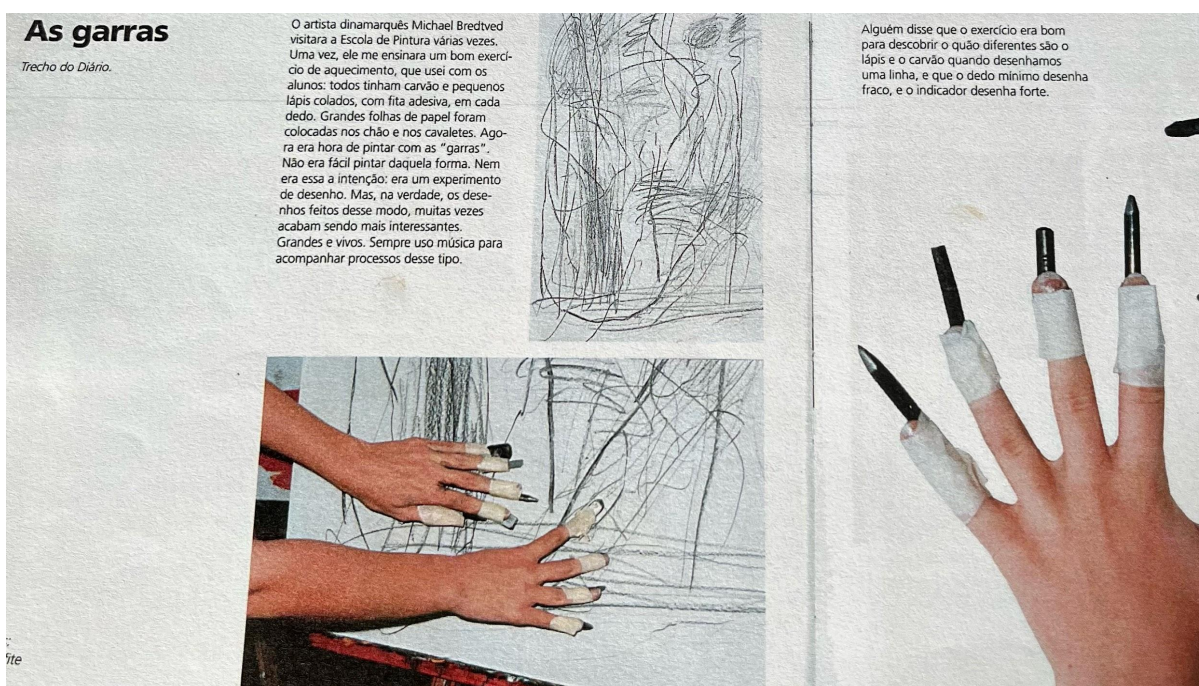
Percebo que é difícil para os adultos, incluindo educadores, aprenderem com as crianças e permitirem que elas se apropriem plenamente dos processos artísticos, especialmente quando a visão sobre a arte é limitada ou até mesmo repreendida no ambiente escolar. Durante minha experiência como docente um dos desafios que encontrei foi o de colocar em prática a possibilidade da liberdade sensorial através da arte - sobretudo com o recurso da pintura -, ao passo que tais métodos eram vistos como “excessos” que atrapalhavam o funcionamento da escola, isto é, geravam sujeira nos espaços de convivência. No entanto, era evidente o desejo das crianças em utilizar as tintas, o que demonstrava o potencial da experimentação artística como um elemento significativo na construção do conhecimento; já que desperta nos alunos o interesse para participar ativamente do processo criativo.

No livro *Pensar e fazer arte* (HOLM, 2005), a artista contemporânea Anna Marie Holm apresenta, por meio de relatos de experiência e fotos, algumas propostas em seu espaço-oficina de arte. Através de uma observação atenta dos processos criativos, a autora reflete como as experiências com as crianças podem ser diversas ao levar em consideração seus modos únicos de se relacionar com o mundo. Segundo ela, na oficina de arte ainda há brincadeiras: “o descobrir, o exceder, a dinâmica, o encanto, as histórias, a experiência com os sentidos, o emocional. As crianças trazem as brincadeiras dentro de si” (HOLM, 2005, p. 15). Quando estabelece uma comparação entre a criação artística e a brincadeira, Holm (2005) diz que ambas são essencialmente livres, mas muitas vezes reprimidas por meio de um excesso de controle. “As crianças são cheias de entusiasmo e energia, elementos importantes do processo criativo, que não devem ser destruídos” (HOLM, 2005, p. 16). Na sua oficina, ela incentiva a pesquisa conduzida pelas próprias crianças, enquanto o espaço, o corpo, os materiais, o tempo e a presença do adulto são elementos essenciais nessas experiências, que não devem limitar:

[...] estar num espaço desafiador;
 a disponibilidade do corpo de se movimentar livremente;
 a decisão pessoal da criança de onde ficar na sala;
 a escolha de materiais pela criança;
 a oportunidade de experimentar;
 o controle do tempo;
 a conversa, o bate-papo;
 a liberdade da criança ser ela mesma. (HOLM, 2005, p. 9)

Durante minha experiência na educação infantil, pude ver que as crianças demonstram uma facilidade natural com as atividades artísticas, e sua interação com os materiais é carregada de histórias e significados, sem a necessidade de muitas intervenções. Nesse sentido, enquanto professores, devemos estar atentos e criar oportunidades para que a experimentação e a compreensão possam fluir, não impondo limites ou controlando excessivamente as crianças em suas criações, mas se aventurando com elas e estando aberto às suas interações. “É importante que os adultos ousem mostrar quem são. Não ter a resposta para tudo, mas, como adultos, estarem prontos a encontrar a resposta juntamente com as crianças” (HOLM, 2005, p. 13). Os registros da autora são referências de uma prática sensível; ao observar as imagens, podemos perceber a diversidade de materiais, espaços e ideias que inspiram as crianças a pensar e criar seus trabalhos artísticos.

Figuras 1 e 2 - fotos do livro Pensar e fazer arte



Quão longo pode ser um pincel?

Fragmentos do Diário.

Era um dia de verão. Podíamos, então, trabalhar ao ar livre. Isso abre espaço e oportunidade para encontramos métodos diferentes para pintar. Havia um bom grupo de meninos nesse grupo. Então, achei que nosso trabalho poderia incluir algum esforço físico. A idéia é que as crianças encontrassem alguns galhos no bosque e, juntando palha seca, fizessem pincéis com eles. Depois, encontramos a melhor árvore para subir. As crianças se revezavam, subindo na árvore e se acomodando num galho com seus longos pincéis. Alguns ficavam no chão, mudando os papéis e trocando as latas de tinta. Tudo resultou numa situação maravilhosa. E a coisa mais divertida foi que, na maioria das vezes, eram as meninas que queriam subir mais alto.

...tais:
...compridos e espessos

...s longas



Fonte: a autora

1.1 - Alternativas às formas de ensino

O modelo de escola amplamente difundido no Brasil traz uma perspectiva de ensino fragmentado e conteudista, e, diante desse contexto, surgem abordagens alternativas de ensino, como a pedagogia Waldorf, que tem ganhado destaque nos últimos anos. Esta pedagogia, desenvolvida por Rudolf Steiner em 1919, propõe uma visão integrada da educação, levando em consideração as dimensões física, psico-emocional e espiritual do ser humano. Por meio de ciclos de sete em sete anos, conhecidos como setênios, a pedagogia Waldorf busca promover um desenvolvimento harmonioso do indivíduo, explorando atividades que estimulem a criatividade, o pensar, o sentir e o querer em cada fase.

Um conceito, e, eventualmente, prática importante na pedagogia Waldorf é a liberdade, esse é um conceito que também é relevante para esse trabalho e será resgatado sob a ótica das outras autoras. No campo da Educação, liberdade significa autoeducação. Tal característica diz muito sobre o próprio processo de desenvolvimento dessa área por Steiner, em que as próprias ideias e conceitos foram trabalhados pelo autor durante a sua vida. No contexto da liberdade, existe a ideia de que a autoeducação não se limita apenas aos alunos. Os próprios professores são vistos como agentes promotores da autoeducação, buscando

constantemente o aperfeiçoamento individual. A pedagogia Waldorf enfatiza a transformação contínua da teoria em prática e valoriza a autorrealização como um processo integrativo.

1.2 - Descobrimo as autoras Anna Marie Holm e Veia Vecchi

A imprevisibilidade é um conceito-chave nas propostas de Holm (2005). Sua atenção está nas interações com as crianças, que enriquecem as experiências criativas. Em qualquer espaço há possibilidades, e devemos estar atentos se queremos trabalhar com o imprevisível e aceitar o fluxo da produção - permitindo que as ideias se desenvolvam ao longo do percurso e valorizando esse processo - em vez de se preocupar somente com o que foi planejado, ou com o resultado final.

Minha força reside no imprevisível e, ao mesmo tempo, em estar presente com meu conhecimento. Um dia levei as crianças para ver uma exposição sobre luz e cor. Havia planejado trabalhar com o mesmo tema, na Oficina, após a visita. Do lado de fora da Galeria, o artista tinha envolvido uma árvore com tecidos e luzes. "Podemos fazer uma como esta?" - as crianças logo perguntaram. Mudei meu planejamento e passamos a tarde trabalhando em uma árvore. É exatamente a esse amplo espectro de criatividade que os adultos precisam estar atentos. Todo o tempo precisamos estar preparados para o desconhecido, para as situações surpresa. Nelas reside a energia, os valores artísticos. (HOLM, 2005, p. 158)

O contato com a autora oportunizou o início da reflexão sobre minha prática; procurei fugir de uma abordagem controladora, e passei a observar com mais atenção as falas e ações dos alunos. No entanto, apenas permitir que eles façam o que desejam, movidos por suas preferências, não é suficiente. É necessário estar presente com meu conhecimento, pensar em estratégias que potencializem seu desenvolvimento criativo e ofereçam oportunidades de crescimento.

No que diz respeito à educação na infância, Loris Malaguzzi diz "que as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças" (MALAGUZZI, 1999, p. 61 apud BIBIAN, 2021, p. 54). Ele destaca a importância dessa participação ativa das crianças na construção de uma educação mais significativa para elas, cabendo aos educadores fazer a observação e escuta atenta dos alunos, com o objetivo de compreender suas questões mais genuínas. Malaguzzi desenvolveu um projeto educacional na cidade italiana Reggio Emilia, que

ficou conhecida justamente pela qualidade dessa abordagem para a educação infantil.

[...] trata-se da presença forte de uma filosofia pedagógica que considera a criança e o adulto como construtores de conhecimento, a investigação como elemento imprescindível para a aprendizagem, que considera as linguagens poéticas como elementos fundamentais para a aprendizagem e o conhecimento. (VECCHI, 2017, p. 71)

Veia Vecchi foi uma das primeiras a atuar com essa pedagogia na década de 1970. Em seu livro *Arte e criatividade em Reggio Emilia* (VECCHI, 2017), ela registra suas experiências, memórias e reflexões, oferecendo uma perspectiva dessa forma de ensino que tem como base as linguagens poéticas. Infelizmente, no Brasil, a expressão artística muitas vezes é negligenciada quando se decide o conteúdo que será ensinado às crianças, que quase não participam dessas decisões. Em vez de oferecer algo descontextualizado ou que se baseie em um currículo restrito e pré-determinado, Vecchi destaca que

A pergunta que precisaria ser feita é relativa a quanto, e de que modo, os processos de aprendizagem e de ensino seriam modificados, se a cultura escolar acolhesse as linguagens poéticas e a dimensão estética como elementos significativos da construção do conhecimento. (VECCHI, 2017, p. 43).

Para Vecchi (2017), a dimensão estética é um dos aspectos principais no processo de conhecimento, atuando como uma vibração que impulsiona nossas escolhas e decisões. Não se limita à arte, mas está nas formas de investigar, interpretar e experimentar o mundo. Nesse sentido, criar oportunidades para as crianças experimentarem a liberdade sensorial e a percepção estética através da arte é tão importante no processo de ensino-aprendizagem; assim como trabalhar as linguagens expressivas valorizando as conexões entre os saberes, e não sua separação. Na prática, é comum que a teoria não se aplique, apesar de algumas escolas tentarem seguir essa abordagem. Em geral, o sistema de ensino tende a separar as matérias/linguagens; na pedagogia Reggio Emilia, porém, as linguagens não são hierarquizadas, os professores podem trabalhar as habilidades em projetos coletivos, e o método utilizado pode influenciar a forma como os alunos entendem e absorvem o conteúdo.

Se a estética favorece a sensibilidade e a capacidade de conectar coisas até muito distantes entre si e a aprendizagem acontece por meio de uma nova conexão entre elementos diversos, então, a estética pode ser considerada como uma importante ativadora da aprendizagem. (VECCHI, 2017, p. 32)

É possível que algumas pessoas interpretem a sensibilidade no campo da educação como um excesso de tolerância, que pode atrapalhar a disciplina dos alunos. Em uma conversa com meus colegas durante o intervalo me falaram que eu não podia "passar a mão na cabeça dos alunos", no sentido de ser mais flexível com o comportamento "inadequado" durante as aulas, porque, assim, eles não iriam reconhecer minha autoridade. O que eu percebo, contudo, é a receptividade dos alunos para participar das propostas; a confiança para me contar uma história ou um segredo; e isso me demonstra que há respeito. Acredito que a delicadeza, ao contrário da severidade, é capaz de promover uma conexão maior entre todos nós e que isso pode se tornar um ativador de aprendizagem. Para conceituar a dimensão estética, Vecchi (2017) diz:

É indubitavelmente difícil definir com simplicidade e clareza o que se entende por dimensão estética; talvez seja, antes de tudo, um processo de empatia que coloca em relação o sujeito com as coisas e as coisas entre si. Como um fio fino, uma aspiração à qualidade que faz escolher uma palavra no lugar de outra, assim como uma cor, uma tonalidade, uma música, uma fórmula matemática, uma imagem, um gosto de comida... É uma atitude de cuidado e de atenção para aquilo que se faz, é desejo de significado, é maravilhamento, curiosidade. É o contrário da indiferença e da negligência, do conformismo, da falta de participação e de emoção. [...] no âmbito educativo, mereceria uma profunda reflexão, e estou certa de que a sua presença consciente nas escolas e na educação faria elevar tanto a qualidade das relações com o contexto quanto a dos processos de aprendizagem. (VECCHI, 2017, p. 28)

O reconhecimento dos valores estéticos na abordagem regginiana não se limita apenas aos resultados finais, mas abrange as diversas formas de construção da educação, do ambiente escolar, e, conseqüentemente, a formação das crianças, dos educadores e da filosofia pedagógica. Busco incorporar esse desejo de significado em minha prática, e sempre me impressiono com as crianças. Mesmo que as salas não tenham tanta beleza, ao observá-las criar, percebo como apreciam o belo presente na natureza, fonte de inspiração para seus desenhos.

Não é fácil e nem simples falar de beleza e estética em um mundo atormentado por injustiças, pobreza, dominações e crueldade. Beleza

e estética parecem temas tão efêmeros e distantes do cotidiano que se tem quase pudor de falar deles, mas, ao mesmo tempo, adverte-se como, à sua aparente fragilidade, contrapõem uma força e resistência extraordinárias. (VECCHI, 2017, p. 34)

Vecchi aponta que “a procura da beleza pertence, de maneira natural e profunda, à nossa espécie e constitui uma parte importante dela, uma necessidade primária” (VECCHI, 2017, p. 34). Em todos os povos e culturas podemos encontrar elementos que evidenciam uma atenção estética, que, por sua vez, é “como um filtro de interpretação do mundo, como atitude ética, uma forma de pensamento que requer cuidado, graça, atenção, sagacidade, ironia, uma abordagem mental que supera a simples aparência das coisas e evidencia aspectos e qualidades inesperados”. (VECCHI, 2017, p. 34). No diálogo com a artista descobri que a presença da beleza, da arte e dos processos criativos na educação infantil é essencial. Embora esse fato não seja exatamente uma novidade, a maneira como foi apresentado é muito interessante: a arte na educação infantil é discutida e compartilhada por meio de narrativas de práticas educativas que integram a arte, as múltiplas linguagens e os conhecimentos tanto das crianças quanto dos adultos. Essas experiências enriqueceram minha reflexão e me levaram a aprofundar minhas próprias concepções sobre arte e formação, pesquisa e prática docente em um percurso em busca de significado.

2. ARTE E EXPRESSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS PROPOSTAS EM SALA DE AULA

A Arte está presente na infância desde cedo, mesmo sem intenção, com sua natureza lúdica, imaginativa e criativa. As crianças sempre se envolvem nessa prática; ao desenhar e utilizar diferentes materiais artísticos, como tintas e pincéis, expressam suas emoções e pensamentos em imagens. Dessa forma, a produção do desenho pode ser compreendida como um meio fundamental pelo qual a criança se desenvolve. De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil RCNEI (1998), “por meio do desenho a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade.”

A criança demonstra a habilidade inata do ser humano de criar imagens, seja através do desenho, do teatro ou de qualquer outra forma de expressão. Nas atividades imaginativas, estão presentes elementos do dia a dia, referências à fantasia e fragmentos de memórias (Derdyk, 2020).

Atrás de um rabisco caótico pode existir um desenho elaboradíssimo. Quem não acompanhou seu processo de realização jamais poderá adivinhar do que se trata. Quantas vezes não ficamos olhando as metamorfoses das nuvens no céu, identificando-as com seres, animais, objetos, elementos do fantástico ou figuras do cotidiano. São projeções de imagens que habitam a nossa mente. (DERDYK, 2020, p. 51).

A criança encontra figuras no papel assim como faz ao observar as nuvens no céu. Essa habilidade de visualizar, perceber e acolher as sugestões que o próprio desenho lhe dá cria um diálogo entre a criança e suas expressões, o que indica sua capacidade de observar e memorizar uma grande quantidade de informações visuais. Segundo a autora, revela também uma intensa operação mental, envolvendo a capacidade de associar, relacionar, combinar, identificar, sintetizar, nomear. Suas associações são processadas ora por “analogia visual”, ora por “analogia intelectual”, demonstrando uma agilidade para lidar com os aspectos formais do desenho.

É o que aconteceu com o aluno M. no dia 05/04/2023, na aula do primeiro ano do Ensino Fundamental. Os alunos me ajudaram a arrumar a sala para a atividade de pintura - essa organização também acontece antes do nosso horário acabar,

limpamos a bagunça, lavamos as mãos e voltamos as mesas ao lugar - às vezes, usamos a mesa do pátio, onde eles costumam lanchar.

Na atividade, os alunos tiveram a oportunidade de pintar livremente, utilizando tintas, pincéis e cartolinas. Quando eles já estavam envolvidos na pintura, perguntei o que estava por trás de seus desenhos - o que eles estavam pensando ao criar. De forma tímida, responderam que não sabiam. Lembrei a eles que, antes de todos começarem, uma colega falou "hoje vou pintar uma flor" e que isso talvez tenha servido de inspiração para todos começarem, pois cada um havia feito sua versão de uma flor. Enquanto conversávamos sobre essa nova palavra - inspiração - M. percebeu que seu pincel quebrou. Esse pequeno acidente adicionou uma marca de tinta no papel, que ele observou: "não tem problema, porque virou um cabo de flor, só que quebrada".

Ótimo! O inusitado trouxe inspiração, e decidimos continuar usando o pincel assim. Essa situação demonstra como as crianças têm a capacidade de atribuir significado às suas criações artísticas, com soluções criativas. A conversa sobre inspiração e a observação de que cada aluno tinha feito sua flor também evidencia a maneira de associar, relacionar e combinar informações, mencionada por Derdyk.

Figura 3 - Desenho do aluno M.



Fonte: a autora

No mesmo dia, em outra sala, sugeri aos alunos do segundo ano que olhassem as imagens do livro *Formas de pensar o desenho* (DERDYK, 2020), que contém fotos de desenhos feitos por outras crianças. O objetivo de trazer essas referências visuais foi, como o título do livro sugeriu, ampliar as formas de pensar o fazer artístico. Depois de terem observado as imagens, as crianças me ajudaram a organizar o espaço da sala, aproximando as mesas e os materiais.

Figura 4 - Experiências práticas



Fonte: a autora

Cada aluno recebeu uma tela tamanho A6 e começou a pintar de forma espontânea. Durante esse processo, eles compartilharam algumas histórias e as dúvidas que iam surgindo, e uma dessas dúvidas foi como fazer outras cores, além daquelas que estavam ali disponíveis - penso que isso demonstra novamente as habilidades das crianças para investigar e expandir suas possibilidades quando querem descobrir coisas novas através da criatividade.

As experiências com as cores sempre trazem diversas descobertas, D. disse “fiz a cor da pitaya que tem lá em casa!” e A. estava “fazendo a noite” enquanto pintava sua tela com tinta preta.

Figuras 5 e 6 - Desenhos dos alunos D. e A.



Fonte: a autora

É interessante essa relação dos desenhos com a natureza, visto que a escola está localizada na zona rural e os alunos vivem em fazendas, a presença da natureza é uma constante em suas vidas. Ver essa forma de se expressar pela arte, tão natural nas crianças, refletindo sua ligação profunda com a natureza é inspirador. De acordo com Derdyk (2020), há uma parte do desenvolvimento gráfico infantil que é patrimônio universal da inteligência humana, e outra parte que é influenciada pelas circunstâncias geográficas, temporais e culturais do curso da humanidade. Levando em consideração que a criança vive imersa na paisagem cultural dos adultos, é necessário uma profunda reflexão sobre como essa interação e relação ocorrem no mundo da criança, que está em constante transição.

"Sempre haverá crianças, mas nunca as mesmas. A criança da cidade vive em meio aos sedutores apelos da sociedade de consumo, inventora de necessidades. Cada vez mais a conduta infantil é marcada pelos clichês, pelas citações e imagens emprestadas." (DERDYK, 2020, p. 42).

O que pode ser um alívio é o fato de que os desenhos, assim como outras formas de expressão, são uma atividade do imaginário. A representação gráfica está ligada a um desejo expressivo de se apropriar desses conteúdos e criar novos significados. "A criança, ao agilizar os conteúdos do imaginário, contracenando com os elementos da realidade física e cultural, inventa e repete figurações, configurações gráficas" (DERDYK, 2020, p. 43).

Figuras 7 e 8 - Desenhos dos alunos



Fonte: a autora

Segundo Derdyk (2020), é possível identificar o "conteúdo manifesto" do desenho, que são as imagens presentes no papel, e o "conteúdo latente", que se refere às mensagens subliminares e ocultas que também estão escondidas ali. Dessa forma, o ato de desenhar não se resume apenas a uma atividade prática, técnica, mas também é o resgate de uma simbologia complexa que existe por trás da representação visual através de signos gráficos. A prática do desenho estimula na criança um intenso exercício mental, emocional e intelectual. Percebo que, para

os meus alunos, o ato de criar e desenhar surge como uma forma de se conectar com o mundo ao redor, que serve de inspiração para seus trabalhos artísticos.

O mundo para a criança é continuamente reinventado. Ela reconstrói suas hipóteses e desenvolve sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar essas “teorias” sob forma de atividades expressivas. Enquanto houver crianças desenhando, representando, construindo, inventando e processando, ou seja, consumindo um mundo produzido que lhes é apresentado como realidade, a mesma poderá ser fruída de maneira inteligente, sensível e indagadora. (DERDYK, 2020, p. 43)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas teorias para tudo, mas quando iniciei minha trajetória com as crianças, percebi que existem diversas teorias para cada coisa do universo delas, e fui tomada por muitas sensações de dúvidas e incertezas. Muitas vezes eu me via repetindo comportamentos baseados na minha formação e experiência pessoal, que não eram compatíveis com a complexidade das subjetividades infantis. Ao desenvolver o meu projeto de pesquisa tive contato com as obras das educadoras Veia Vecchi e Anna Marie Holm cujas abordagens pedagógicas se relacionavam com os meus questionamentos. Inspirada pelas ideias das autoras, senti que os caminhos da minha trajetória tinham se conectado, formando uma trilha nova, complementar. A teoria forneceu uma base para minha formação docente, colocando à prova desafios pessoais, como a minha dificuldade de narrar os meus próprios processos. Enquanto a pesquisa aumentava a minha confiança, fui abrindo espaço para minha própria curiosidade e investigação.

Na relação com diferentes significados, podemos construir nossos repertórios, e a experiência tem um papel fundamental nesse processo, permitindo refletir sobre o ensino e a aprendizagem de forma ética e estética. Como disse Vecchi (2017), o estético é um processo de empatia que se opõe à indiferença e é ativador da aprendizagem. A experiência artística na educação infantil vai além de um trabalho previsível e planejado pelo professor, envolve aspectos cognitivos, afetivos e sensibilidade. Ética e estética se entrelaçam nesse contexto, pois a abordagem ética envolve o respeito ao espaço de criação, descoberta e processo imaginativo das crianças, enquanto a estética é entendida como uma estrutura que conecta e nos permite conhecer o mundo.

É muito comum que o trabalho com a arte nas escolas seja restrito, pois se espera uma arte que siga as regras, mesmo que isso implique em ignorar as ideias muito mais interessantes das crianças. Essa visão equivocada de que a função da escola é transmitir conteúdos específicos, onde o professor é o único detentor do conhecimento, ignora as bagagens culturais trazidas por cada um ao estar ali. Por isso é tão importante que ocorra uma escuta sensível, mesmo que isso seja um desafio.

O registro de atividades apresentado pelas autoras abrange uma variedade de contextos, tempos, materiais e espaços. Adaptar essas propostas à minha

realidade docente pode ser difícil, devido às diversas restrições. Mesmo assim, é possível buscar alternativas criativas; embora os tempos destinados à arte possam não ser flexíveis, dificultando o aprofundamento das crianças em suas expressões, é fundamental criar espaços acolhedores. Através dessa abordagem adaptável, temos a oportunidade de criar algo novo, em conjunto.

Assim como as crianças fazem com tintas, transformando as cores, alterando sua forma e criando outras novas, as experiências compartilhadas pelas artistas-educadoras me permitiram aprofundar meu conhecimento sobre o ensino de arte e estruturar novas ideias, práticas, sugestões e vivências na área da educação infantil. Ao rever minhas abordagens como professora, percebi a necessidade de estar atenta e receptiva às descobertas que podemos fazer junto com as crianças, respeitando, acima de tudo, a maneira única de cada um aprender e experimentar a arte na escola. Começo a entender que nem sempre existe apenas um caminho certo, e devemos estar dispostos a explorar diferentes possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

HOLM, A. M. **Fazer e pensar arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

OSTETTO, L. E.; SILVA, G. D. DE B.; BIBIAN, S. **Educação Infantil, formação e prática docentes nas tramas da arte**: diálogos com Anna Marie Holm e Veia Vecchi. Curitiba: Appris, 2021.

REGO, T. C. (2002). **Configurações sociais e singularidades**: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna.

SILVA, D. A. A. (2015). **Educação e ludicidade**: um diálogo com a pedagogia Waldorf. Educar, (56), 101-113.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.

ANEXO I - Plano de aula

I. PLANO DE AULA: Data: 05/04/2023

- Nível de ensino: 2º ano do Ensino Fundamental

- Duração: 50 minutos.

II. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Responsável pela aplicação da aula: Ana Cecília Nunes

III. TEMA: Formas de pensar o desenho

IV. OBJETIVOS:

Objetivo geral:

- Propor uma abordagem introdutória acerca dos processos evolutivos do desenho, considerando a faixa etária dos alunos.

Objetivos específicos:

- Propor que façam uma leitura e apreciação das imagens presentes no livro “Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil” da autora Edith Derdyk, com produções artísticas de outras crianças. Além de conhecer alguns aspectos do desenho infantil, os alunos poderão testar sua própria habilidade e usufruir o prazer advindo da experiência.

V. CONTEÚDO:

Leitura de imagem

VI. TÉCNICA:

Pintura

VII. DESENVOLVIMENTO:

Os alunos farão leitura de imagem dos desenhos do livro e uma atividade prática do tema com uso de materiais para pintura.

VIII. RECURSOS DIDÁTICOS:

Tela tamanho A6, pincel, tinta guache.

IX. AVALIAÇÃO:

Ao final da atividade, todos os trabalhos serão expostos na mesa do professor, para que os alunos possam se localizar ao redor e avaliar a experiência.

X. REFERÊNCIAS:

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

Imagens do livro Formas de pensar o desenho, Edith Derdyk:

